

**Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:**

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

# A Capoeira Angola em Goiânia: identidades, trajetórias e diversidades

The Capoeira Angola in Goiânia: identities, trajectories  
and diversities

La Capoeira Angola en Goiânia: identidades, trayectorias  
y diversidades



**Renata de Lima Silva**

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil,  
[renata\\_lima\\_silva@ufg.br](mailto:renata_lima_silva@ufg.br)



**Lorena Fonte de Oliveira**

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil,  
[lorenafontegyn@gmail.com](mailto:lorenafontegyn@gmail.com)



**Carlos Alberto Martins Alves**

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, Goiás, Brasil,  
[calungagrande@gmail.com](mailto:calungagrande@gmail.com)



**José Luiz Cirqueira Falcão**

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil,  
[joseluizfalcao@hotmail.com](mailto:joseluizfalcao@hotmail.com)

**Resumo:** Goiânia, desde a década de 1960, foi palco de uma determinada Capoeira Angola, com o protagonismo pioneiro de Manoel Pio Sales, o Mestre Sabú (1940 – 2017), goiano que se criou em Salvador e que, segundo seus próprios relatos, teve experiências formativas de capoeira, sobretudo com o Mestre Caiçara. No entanto, a partir dos anos 1990, capoeiristas iniciados por Mestre Zumbi aderem à Capoeira

Angola e iniciam na referida cidade trabalhos bastante distintos da proposta de Mestre Sabú, dada a aproximação destes com o movimento da Capoeira Angola soteropolitana. A partir da década de 1980, após um longo período de agonia, essa vertente de capoeira passa por um processo de revitalização decorrente de novos esquemas de reorganização política que intensificaram seus discursos identitários. Neste artigo, apresentamos análises acerca da presença da Capoeira Angola na cidade de Goiânia, contextualizando os discursos sobre essa prática e como eles incidem em seu atual momento sócio- histórico. O objetivo deste artigo é contribuir com a memória da Capoeira Angola, não a partir de um projeto de extensão específico, mas de uma prática e perspectiva extensionista pautada no diálogo entre produção acadêmica e culturas populares.

**Palavras-chave:** Capoeira Angola; Goiânia; Trajetórias; Identidades.

**Abstract:** Goiânia, since the 1960s, was the stage for a so-called Capoeira Angola, with Manoel Pio Sales, Mestre Sabú (1940 – 2017), from Goiás who grew up in Salvador and who, according to his own reports, had formative experiences, especially with Mestre Caiçara. However, from the 1990s onwards, capoeiristas initiated by Mestre Zumbi, adhered to Capoeira Angola and started in the city works quite different from Mestre Sabú's proposal, given their approximation, with the movement of Capoeira Angola in Salvador that emerged from the decade onwards. 1980, when this, after a long period of agony, goes through a process of political reassertion and reorganization, intensifying the discourse of the peculiarity of this aspect. In this article, we present a discussion about the presence of Capoeira Angola in the city of Goiânia, seeking to contextualize and understand the discourses on this practice and how it affects the current scenario. The objective of this article is to contribute to the memory of Capoeira Angola, not from a specific extension project, but

from an extension practice and perspective based on the dialogue between academic production and popular cultures.

**Keywords:** Capoeira Angola; Goiânia; Trajectories; Identities.

**Resumen:** Goiânia, desde la década de 1960, es escenario de una Capoeira Angola específica, con el papel pionero de Manoel Pio Sales, Mestre Sabú (1940 - 2017), de Goiás que creció en Salvador y que, según sus propios relatos, tuvo experiencias sesiones de entrenamiento de capoeira, especialmente con Mestre Caiçara. Sin embargo, a partir de la década de 1990, los capoeiristas iniciados por Mestre Zumbi se unieron a Capoeira Angola y comenzaron un trabajo en esa ciudad que era bastante diferente a la propuesta de Mestre Sabú, dado su acercamiento al movimiento soteropolitano de Capoeira Angola. A partir de la década de 1980, después de un largo período de agonía, esta vertiente de la capoeira pasó por un proceso de revitalización resultante de nuevos esquemas de reorganización política que intensificaron sus discursos identitarios. En este artículo, presentamos análisis sobre la presencia de la Capoeira Angola en la ciudad de Goiânia, contextualizando los discursos sobre esta práctica y cómo afectan su momento socio-histórico actual. El objetivo de este artículo es contribuir a la memoria de la Capoeira Angola, no desde un proyecto extensionista específico, sino desde una práctica y perspectiva extensionista basada en el diálogo entre la producción académica y las culturas populares.

**Palabras-clave:** Capoeira Angola; Goiânia; Trayectorias; Identidades.

*Data de submissão: 01/06/2022*

*Data de aprovação: 20/09/2022*

## Introdução

Durante algumas décadas, a ideia “Angola, capoeira mãe”, escrita na parede da academia de Mestre Pastinha, reinou nas concepções sobre capoeira que exaltavam sua tradicionalidade, tanto no senso comum, como entre os/as praticantes e até mesmo no campo dos estudos acadêmicos. Todavia, pesquisas realizadas, sobretudo nas duas últimas décadas, têm apontado que a Capoeira Angola e a Capoeira Regional seriam, na verdade, manifestações urbanas e modernas, codificadas somente a partir do século XX (PIRES, 2002; REIS, 2000; VIEIRA, 1995). De acordo com a abordagem desses autores, a consolidação dos estudos afro-brasileiros e o movimento nacionalista das primeiras décadas do século XX incidiram na valorização da cultura popular, a partir de um paradigma em que manifestações culturais eram classificadas e rotuladas em termos de “tradição” e de “degradação”. Essa concepção teria contribuído para a construção de acirrados argumentos discursivos de polarização estética e política entre a Capoeira Angola e a Capoeira Regional.

O artigo “Capoeira: de arte negra a esporte branco”, de Alejandro Frigerio (1989), discute as diferenças entre essas duas vertentes de capoeira, atribuindo à Capoeira Angola características como malícia, complementação, jogo baixo, ausência de violência, movimentos bonitos, música lenta, ritualidade e teatralidade. Por outro lado, atribui à Capoeira Regional, que ele considera ser uma mutação da Capoeira

Angola, aspectos de crescente burocratização, de incorporação de elementos das artes marciais orientais, de cooptação ideológica e política da arte pelo sistema e de concepções evolucionistas subjacentes (FRIGERIO, 1989).

Assim, como fez Frigerio (1989), capoeiristas, por seu turno, sobretudo os angoleiros e as angoleiras, não raro, compreendem sua prática valorizando o discurso da matricialidade. Para os fins desse trabalho, ao invés de pretender equacionar essa disputa de afirmação em termos maniqueístas, isto é, “tradição” versus “invenção”, Capoeira Angola versus Capoeira Regional, pretendemos demonstrar: 1) como no próprio interior da Capoeira Angola encontra-se uma diversidade de formas e discursos; 2) como alguns contextos, a despeito de se afirmarem como Capoeira Angola, são também, direta ou indiretamente, devedores do legado, se não da Capoeira Regional, de capoeiras que se mantiveram em lugares de trânsito mais livre entre as duas vertentes e, por fim, 3) discutir como a Capoeira Angola praticada na cidade de Goiânia é atravessada pelas duas questões anteriores.

No que diz respeito à metodologia deste trabalho, o presente texto é fruto, sobretudo, da vivência das autoras e dos autores com a prática da capoeiragem. Nesse sentido, é importante salientar que as sínteses aqui apresentadas são decorrentes de considerável imersão no campo e dizem respeito tanto às memórias pessoais e profissionais, como também aos relatos ouvidos no contexto cultural da capoeira na cidade de Goiânia. Assim, embora busquemos

subsídios na literatura existente sobre capoeira para a validação dos nossos argumentos, esse trabalho não deve ser lido como verdade histórica e sim como uma percepção dos fatos, engajada na memória e em experiência construídas a partir de uma perspectiva extensionista de diálogo entre produção acadêmica e saberes populares, aqui representada na relação entre os autores deste artigo.

## **Os discursos e as identidades da Capoeira Angola**

Se por um lado a capoeira, no estado da Bahia, em especial na cidade de Salvador, no final do século XIX, passou por um forte processo de repressão, as primeiras décadas do século XX foram palco para a gestação de um novo modelo de capoeiragem, em que seus praticantes investiram na reorganização da capoeira em moldes artísticos e esportivos. É a partir deste período que os registros sobre capoeira podem ser encontrados não apenas nos arquivos policiais e histórias de conflitos, mas, também de forma valorizada em jornais e na literatura.

A respeito da criação das vertentes Angola e Regional, o pesquisador Antonio Liberac Cardoso Simões Pires, em sua tese de doutorado, fruto de uma pesquisa histórica de fôlego, ressalta que:

Esses estilos de capoeira são frutos do processo de invenção cultural deflagrado nas primeiras décadas do século XX e que não atingiram somente a capoeira, mas também um grande número de expressões culturais. Os estilos angola e regional resultaram das rupturas sociais implementadas por um grupo que se separou daqueles que mantiveram a tradição da capoeira nas ruas dos diversos bairros da cidade. Tais estilos são formas específicas que a capoeira tomou na cidade de Salvador, onde os critérios esportivos não destruíram o lado lúdico da prática (PIRES, 2002, p. 240).

Assim, é importante destacar que quando nos referimos à Capoeira Angola, seja em Goiânia, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, estamos nos referindo a uma tradição soteropolitana de capoeiragem, embora haja indícios de que a prática da capoeira, originalmente, tenha acontecido concomitantemente em diferentes estados brasileiros.

Essa Capoeira Angola, que rompe com a capoeira das maltas, embora tenha tido lideranças de grande expressão, como é o caso de Mestre Pastinha, não foi e nem é um movimento homogêneo, desde a Bahia.



É discurso corrente que Mestre Pastinha foi o principal representante da Capoeira Angola. Entretanto, deve-se reconhecer também que ele não criou a Capoeira Angola da mesma forma que Bimba criou a Capoeira Regional, muito embora Seu Pastinha, como também era chamado, tenha instituído uma série de inovações para a sua organização. Conforme consta em depoimento do próprio Mestre Pastinha e também na biografia de Mestre Noronha, numa roda de capoeira da Gengibirra, o guarda civil Amorzinho, acompanhado de Livino Diogo, Totonho de Maré, Aberrê e Mestre Noronha, teria “entregue” a capoeira para Pastinha (MURICY, 1999; COUTINHO, 1993). Esse coletivo de capoeiristas teria autorizado Pastinha a “tomar conta” da Capoeira Angola. Se aqui está posto que Pastinha teria a autoridade para organizar a Capoeira Angola e, com isso, não deixá-la sucumbir, estava também implícito que ele tinha um compromisso com a memória desses mestres (SILVA, FALCÃO & DIAS, 2012, p. 4).

Embora nesse artigo pretendamos dar enfoque para a prática da Capoeira Angola, compreendemos que as identidades desta vertente se constroem também na relação de alteridade com a Capoeira Regional, como também observa Pires (2002 p. 250-251):

A Capoeira Regional, sem dúvida, produziu conflitos internos e fissuras na comunidade da capoeira. Ademais, houve o conflito de espaços, entre “os da rua” e “os da academia”. Assim, houve o problema das concepções sobre o que era capoeira, o que acabou acarretando uma ruptura entre grupos. Isso proporcionou um aumento da violência no universo dos praticantes, evidenciando a competitividade.

Todavia, o contexto da Capoeira Angola se mostrou, desde a sua consolidação, como um movimento heterogêneo. Muito embora Mestre Pastinha tenha assumido, de forma muito consciente, o papel de representante dessa arte, como ele mesmo gostava de categorizar a prática da capoeira, é importante reconhecer que o movimento de consolidação da Capoeira Angola na cidade de Salvador se dá anteriormente à atuação mais contundente de Seu Pastinha, inclusive em um período em que ele esteve afastado da capoeiragem, entre 1920 e 1940.

Os mestres Aberrê, Totonho de Maré, Amorzinho, Livino Diogo e Noronha, dentre outros, teriam “entregue” a Capoeira Angola para Seu Pastinha ensinar, delegando a ele a responsabilidade de organizá-la e difundí-la. E isso realmente ocorreu sob a batuta e a liderança do mais importante nome da Capoeira Angola de todos os tempos – Vicente Ferreira Pastinha (SILVA, FALCÃO & DIAS, 2012).

Ao assumir o compromisso de “zelar pelo esporte”<sup>1</sup>, Mestre Pastinha, com grande capacidade de reflexão, de comunicação e, conseqüentemente, de liderança, se torna uma referência e muitas das suas contribuições para a Capoeira Angola foram se consolidando como a expressão da mesma, como por exemplo a questão da importância de seus e suas praticantes alcançarem além de um “equilíbrio físico” também um “equilíbrio psicológico” (DECANIO FILHO, 1997). Seu Pastinha, em seus discursos, também fez questão de ressaltar a africanidade da capoeira: “Com fé e coragem para ensinar a mocidade do futuro estou apenas zelando para esta maravilhosa luta deixada de herança, adquirida da dança primitiva dos caboclos, do batuque e candomblé, originada pelos africanos de Angola ou Gejes<sup>2</sup>[...] (sic)” (In: DECANIO FILHO, 1997, p.37). Além de defender a não violência na prática, Mestre Pastinha constrói sua abordagem sobre Capoeira Angola dando ênfase também aos aspectos lúdicos, performáticos e ritualísticos.

Podemos dizer que a valorização da ancestralidade, o zelo pelas contribuições de seus antecessores e destacada capacidade de organização e de liderança fizeram de Mestre Pastinha, não um inventor de uma nova modalidade de luta, mas um estratégico sistematizador de uma tradição de capoeira, ainda que alguns pesquisadores considerem que

---

<sup>1</sup> Cumpre notar que, embora Mestre Pastinha tenha estruturado o seu Centro Esportivo de Capoeira Angola com alguns procedimentos típicos da lógica do esporte, como a especialização e a hierarquização, ao adotar a figura do mestre de campo, mestre de canto, mestre de bateria, mestre de treinos, arquivista, mestre fiscal, contramestre e a do juiz, ele tinha uma concepção de “esporte” bem original, contrastante com os principais códigos que caracterizam o esporte de rendimento que se tornou hegemônico no mundo inteiro, quais sejam, seleção, competição e burocratização.

<sup>2</sup> Jejes, africanos provenientes do antigo Daomé.

Pastinha seria um inventor de uma nova tradição, como Pires (2002):

[...] podemos perceber que mestre Pastinha, a partir da tradição anterior, inventou uma nova tradição, na qual a capoeira se apresentou dentro de um novo ritual, onde ela é “luta, é mais defesa, e mais aperfeiçoada no sistema de dança”. Portanto a capoeira angola é tida como tradicional não porque obedeça a uma lógica de capoeira praticada pelos predecessores diretos de mestre Pastinha, mas sim, pelo fato de a capoeira angola ter algo a ver com a praticada pelos africanos (PIRES, 2002, p. 295-296).

Sabemos que, embora Mestre Pastinha tenha se constituído como uma notável liderança no contexto da Capoeira Angola, outros importantes atores culturais contribuíram para plasmar essa vertente com uma multiplicidade de códigos gestuais e procedimentos ritualísticos, que delegaram a ela uma conotação de arte plural e diversa, como foi o caso dos mestres Waldemar, Canjiquinha e Caiçara, todos mais jovens que Mestre Pastinha, mas seus contemporâneos.

Com o adoecimento de Mestre Pastinha e as precárias e insuportáveis condições materiais de vida do seu maior representante, que veio a falecer em 1981, a Capoeira Angola passa por um período de ostracismo, enquanto a Capoeira Regional entra em franca ascensão e se dissemina por várias regiões do Brasil e do mundo.

Entretanto, a década de 1980 foi marcada por uma grande efervescência política e cultural no cenário nacional

e isso impactou também o contexto da Capoeira Angola em Salvador. Talvez, um bom exemplo disso tenha sido a ocupação do Forte Santo Antônio, hoje conhecido como Forte da Capoeira, por angoleiros como Mestre João Pequeno<sup>3</sup>, Mestre Curió<sup>4</sup> e Mestre Moraes<sup>5</sup> entre outras referências da cultura negra.

Mestre Moraes, fundador do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP), foi responsável pelo estabelecimento de um outro modelo para a cultura da capoeira, articulada com um discurso político militante, conforme comenta Magalhães (2011, p. 114):

A iniciativa de articular a capoeira angola com o movimento negro e a universidade, em tempos de redemocratização e efervescência cultural, foi como um fósforo em rastilho de pólvora. Essa articulação político-cultural garantiu um forte capital simbólico ao GCAP [...] (MAGALHÃES, 2011, p. 114).

A partir da organização de eventos e de oficinas, Mestre Moraes e o grupo GCAP movimentam a Capoeira Angola, inclusive em contato com os capoeiristas mais velhos, como é o caso de Mestre João Pequeno e Mestre João Grande<sup>6</sup>. É nesse momento que a Capoeira Angola se intensifica tanto no processo de internacionalização, como

<sup>3</sup> João Pereira dos Santos, Mestre João Pequeno, discípulo de Mestre Pastinha, nasceu em 27/12/1917 na cidade de Araci - BA e veio a falecer em 09/12/2011.

<sup>4</sup> Jaime Martins dos Santos, Mestre Curió, discípulo de Mestre Pastinha, nasceu em 23/01/1937 em Candeias - BA. Iniciou na prática da capoeira ainda criança e fundou, em 1982, a Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos, em Salvador - BA.

<sup>5</sup> Pedro Moraes Trindade, Mestre Moraes, nasceu em 09/02/1950. É o fundador da GCAP (Grupo de Capoeira Angola Pelourinho), na década de 1980.

<sup>6</sup> João Oliveira dos Santos, o Mestre João Grande, nasceu em 15/01/1933 na cidade de Itagi - BA. É um dos mais reconhecidos discípulos de Mestre Pastinha, tendo também influências de Mestre Cobrinha Verde em sua formação.

também em sua expansão para outros estados. Além de Mestre Moraes, outros mestres protagonizaram esse movimento de expansão da Capoeira Angola para outros estados, no entanto, sua postura forte, seu discurso contundente e seu alto poder de realização foram cruciais para a divulgação e disseminação da Escola Pastiniana.

Conforme discutiu Magalhães Filho (2011), em sua dissertação de mestrado, essa seria uma das linhagens da Capoeira Angola, que tem sido chamada de “pastiniana”, a partir dos estudos elaborados pela Mestre Janja (ARAÚJO, 2004). No entanto, como a Capoeira Angola se desenvolveu também de forma difusa com muitas disputas de narrativas, outras “linhagens” podem ser reconhecidas, embora sem o alcance e a notabilidade da Escola Pastiniana, como a do capoeirista Aberrê, donde descendem os já citados mestres Canjiquinha e Caiçara.

Por influência direta ou indireta dessas duas “linhagens”, e depois com outras vinculações que citaremos mais à frente, a Capoeira Angola passa a ser praticada na cidade de Goiânia, primeiramente com Mestre Sabú, discípulo de Mestre Caiçara e, depois, com uma nova geração, liderada por Mestre Vermelho, Mestre Caçador, Ana Maria da Silva, Valéria Costa e Mestre Guaraná, que iniciam suas formações com capoeira com Mestre Zumbi<sup>7</sup> e, por outro lado, Mestre Goyano<sup>8</sup> que teve sua formação em

<sup>7</sup> Mestre Zumbi, nasceu em 1955 em Uberlândia e faleceu em 1998 em Goiânia, aprendeu capoeira com Mestre deputado, que foi um dos alunos formados do Mestre Bimba em Goiânia, fez parte da formação de uma geração de capoeiristas a partir de sua vinculação com o Grupo Cordão de Ouro, coordenado por Mestre Suassuna.

<sup>8</sup> Durval José Martins - Mestre Goyano, nasceu em Niquelândia (GO), em 06 de janeiro de 1961, foi discípulo do Mestre Suassuna e fundador do Grupo de Capoeira Angola Barravento.

São Paulo. Esses e essas capoeiristas, em um dado momento, atendem ao chamado da Capoeira Angola.

Para falar da Capoeira Angola em Goiânia apresentaremos primeiramente a linhagem Aberrê – Caiçara – Sabú e, em seguida, abordaremos essa outra forma de construção de identidade na Capoeira Angola, não diretamente ligada a uma única linhagem, mas construída a partir de processos de adesão, identificação e confluências que parecem ter sido a tônica da expansão da capoeira em geral a partir da década de 1990.

## **Aberrê – Caiçara – Sabú**

Apesar de haver poucas informações sobre o capoeirista Aberrê, alguns importantes dados que constam em trabalhos acadêmicos nos dão a dimensão de sua importância no cenário de consolidação da Capoeira Angola, a começar por sua relação com Mestre Pastinha. Aberrê, segundo o próprio Mestre Pastinha, era afilhado do mesmo padrinho seu e Aberrê teria sido o responsável por levá-lo na roda da Gengibirra, onde recebeu o reconhecimento dos mestres do local para mestrar a Capoeira Angola. Em seu depoimento, Mestre Pastinha menciona que Aberrê seria seu aluno, mas essa é uma informação considerada controversa, já que, como cita Magalhães Filho (2011), Aberrê não faz parte da “sucessão discipular” de Mestre Pastinha. Ademais, o fato de Aberrê ter acesso à “nata” da

Capoeira Angola, como reconhece o próprio Mestre Pastinha, demonstra a sua inserção e importância neste contexto.

Aberrê também é citado como participante do 2º Congresso Afro-Brasileiro na Bahia, sob a coordenação de Edison Carneiro, em 1936, ao lado do afamado Samuel Querido de Deus<sup>9</sup> (MAGALHÃES FILHO, 2011, p. 64). Aberrê é considerado um dos principais articuladores da Capoeira Angola nas décadas de 1930 e 1940, mencionado tanto por Mestre Caiçara como pelo Mestre Canjiquinha, como mestre deles, além de figurar nos relatos de Mestre Noronha.

Segundo Magalhães Filho (2011, p. 62-63), a partir de depoimentos orais de seus discípulos:

Raimundo Argolo nasceu em Salvador em 6 de Agosto de 1895, filho de Ângelo Argolo e Maria R. de Argolo. Sabe-se que foi pedreiro na Santa Casa de Misericórdia, mas faltam registros mais detalhados acerca de sua trajetória de vida. A nossa hipótese é que ele foi um dos grandes articuladores da capoeira angola nas décadas de 1930 e 1940, tendo sua trajetória abreviada por uma morte prematura. A tradição oral relaciona Aberrê com o recôncavo baiano, como mostra o depoimento de seu discípulo Caiçara: “meu mestre era santamarense, descendente de africano. Sabe-se também que ele tinha uma relação próxima com Mestre Bimba, fato sugerido pela apresentação que fizeram juntos e pelos depoimentos de Mestre Caiçara: “[Bimba] era angoleiro, era amiguíssimo do meu mestre”. “No passado vi quando êle jogava capoeira com meu mestre Aberrê, lá no Engenho Velho, debaixo de um pé de Gameleira” (MAGALHÃES FILHO, 2011, p. 62-63).

<sup>9</sup> Samuel Querido de Deus foi um famoso e reconhecido capoeirista baiano. Não há informações que comprovem seu verdadeiro nome ou data de nascimento. No entanto, de acordo com ABIB (2009, p.147), “um fato que comprovaria a sua existência seria o registro de sua participação, junto com outros capoeiras, no 2º Congresso Afro-Brasileiro realizado no ano de 1937 na cidade de Salvador [...]”.



Embora a ideia de “linhagem” seja muito utilizada na Capoeira Angola, inclusive como distintivo de legitimidade, é importante considerar que os processos culturais e de formação da Capoeira Angola, sempre se deram de forma mais rizomática, isto é, por mais que uma pessoa se identifique e se considere discípula de determinado mestre ou mestra, em sua formação pode ter passado “pelas mãos de outras” e sofrer influências diretas ou indiretas em sua prática, concepção e conduta com capoeira, isso, devido ao caráter coletivo da capoeira. Assim, não nos parece adequado defender aqui a ideia de linhagem de maneira linear. Talvez o conceito de sucessão discipular, utilizada por Magalhães Filho (2011), seja mais adequada para expressar os vínculos estabelecidos pelos capoeiras nas relações de ensino-aprendizagem. Destarte, é importante reafirmar que a principal questão da Capoeira Angola, para a construção de identidade, pertencimento e legitimidade seja “menino/a, quem foi seu/sua mestre/a?”.

Nessa perspectiva, dizer que Mestre Caiçara foi discípulo de Aberrê, sem dúvida abre outras vias para a compreensão da capoeira como uma manifestação cultural densamente amalgamada por relações de significativas afinidades, camaradagens e compadrios. Mestre Caiçara, “o doce valentão” como aparece descrito no livro: “Mestres e capoeiras famosos da Bahia” (2009), coordenado por Pedro Abib, nasceu em São Félix, em 1924. Ele era feito no santo e conhecido como um grande mandingueiro, cantador e

contador de história, devoto de Santa Bárbara e de São Jorge. Em suas próprias palavras:

Sou irmão de Congo de Ouro, meu nome é Caiçara, do caboclo que me guia desde o nascimento e sou de Oxóssi. Tenho o corpo fechado e sou de briga, gente: Eu aprendi a dançar capoeira com a idade de 14 anos, aqui no Largo do Tanque, na subida da Ladeira de Pedra, debaixo de um pé de fruta-pão, onde era o centro dos capoeiristas antigos. Era o meu mestre, o finado Aberrê, 12 Homens, Siri de Mangue, Canário Pardo, Barroquinha, Vitor HU, Totonho de Maré, o finado Traíra, o finado Besouro, o finado Canário, Geraldo Chapeleiro, finado Bimba, o Pastinha, o Cassimiro, o Elóis, Ferrugem, Totonho de Maré, Tiburcinho, o velho Argemiro, Onça Preta...<sup>10</sup> (MESTRE CAIÇARA, In: MAGALHÃES FILHO, 2011, p. 89-90).

Diferente de Canjiquinha, que defendeu a unidade da capoeira, Caiçara foi um forte entusiasta da Capoeira Angola e teve considerável popularidade na cidade de Salvador, tanto por seu envolvimento com shows folclóricos como por ter ensinado capoeira para muitos meninos em situação de rua (ABIB, 2009).

Entre os capoeiristas que passaram pelas mãos de Mestre Caiçara, está também, Mestre Sabú, que se transformou em uma figura lendária da capoeira na cidade de Goiânia. Manuel Pio de Sales, o Mestre Sabú, teve a sua

<sup>10</sup> Diário de Notícias, 07/10/1970 (In: MAGALHÃES FILHO, 2011, p. 89-90).

história registrada em alguns trabalhos acadêmicos realizados por pesquisadores que vivem em Goiânia<sup>11</sup>.

Manuel Pio de Sales, nasceu no dia 6 de maio de 1940, na Cidade de Goiás, passou a infância em Goiânia e na adolescência migrou para Salvador, onde teve contato com a capoeira. Segundo seu próprio depoimento ele teria começado a sua formação com Mestre Pastinha, “mas Mestre Pastinha tinha uma forma de ensinar que não condizia com minha natureza” (MESTRE SABÚ, 21/01/14, in: SILVA, 2014, p.50). Teve contato com Mestre Caiçara nas rodas do Terreiro de Jesus.

Mestre Caiçara era muito bom e eu gostava porque pra mim era um dos cantadores melhores que o Brasil tinha na área da capoeira, pra mim era ele. E foi onde que eu formei com o Mestre Caiçara e com a ajuda de Mestre Noronha (Mestre Sabú, 21/01/14 In: SILVA, 2014, p. 50).

No início da década de 1960, Mestre Sabú começou a ensinar capoeira primeiramente em uma academia de pugilismo e logo em seguida abriu sua própria escola, que denominou de “Terreiro de Capoeira Angola”, na Vila Redenção, Região Sul de Goiânia. Tal como fazia seu mestre, Sabú também se dedicou ao ensino da capoeira para crianças em situação de rua. Em entrevista para Alessandra

<sup>11</sup> Dentre eles, podemos citar: Elto Pereira de Brito (2010), o Mestre Suíno – “A história da Capoeira de Goiás contada por seus pioneiros: Mestre Osvaldo e Mestre Sabú”; o artigo de Tatiana Tuncunduva (2012) - “Mestre Sabú e a Capoeira Angola em Goiás: história, sonhos e dilemas de um educador popular” e sua dissertação de mestrado - “Mestre Sabú: memória social e práticas culturais da capoeira em Goiás” (2015) e, também, a dissertação de mestrado de Alessandra Barreiro da Silva, intitulada “Eu sou angoleiro, angoleiro eu sei que eu sou”: identificações e trajetórias na capoeira angola em Goiânia” (2014), defendida na Universidade Federal de Goiás, sob a coorientação de uma das autoras desse artigo. Nesses trabalhos, Mestre Sabú é apresentado como um dos precursores da capoeira na cidade de Goiânia.

Barreiro, comenta sobre as dificuldades para a consolidação de seu trabalho, tendo em vista o preconceito existente na cidade em relação à cultura negra. Além de sua atuação com capoeira, Sabú também se envolveu com Vale Tudo e investiu em shows, associando a capoeira ao Maculelê e à Puxada de Rede.

O trabalho de Mestre Sabú também ocupou o espaço das ruas, sobretudo a partir de sua roda na Feira Hippie. Era uma pessoa carismática e de presença forte e frequentemente aparecia em eventos públicos vestido à moda antiga, chapéu de lado, terno branco, gravata e bengala.

Eu mesmo tenho uma presença de espírito, que eu não sou um espírita, mas eu sou um espírito. Eu sou um mestre mandingueiro e muito mandingueiro! Mas não é a mandinga no sentido de fazer feitiço, é de entender a espiritualidade (MESTRE SABÚ, 21/01/14, In: SILVA, 2014, p. 52).

A estética da capoeira de Mestre Sabú era bastante diferenciada da estética pastiniana, com golpes altos e rápidos e uma organização de bateria mais livre. Bastante influenciado pela estética de shows folclóricos, se utilizava fortemente de movimentos acrobáticos. Mestre Sabú também fazia uso de cordão como forma de graduação. Além de ter influenciado a capoeira em Goiânia, Sabú também contribuiu para a consolidação da capoeira de Brasília e do Tocantins.

Tucunduva, uma pesquisadora de Goiânia que escreveu sobre Mestre Sabú, assim se referiu a esse importante mestre da capoeira e da vida:

Mestre Sabú se torna um advogado do povo e da cultura, um defensor popular dos oprimidos e da cultura da capoeira. Ele transporta o jogo/a roda da capoeira, para a roda da vida, ou seja, do universo da capoeira para o universo e lógica na qual sua prática social se insere (TUCUNDUVA, 2012, p. 5).

Um dos autores deste artigo, morador de Brasília entre as década de 1970 e 1990, adquiriu por diversas vezes berimbaus confeccionados e vendidos pelo próprio Mestre Sabú, na conhecida Feira da Torre de Televisão de Brasília, um local em que até hoje acontecem concorridas e tradicionais rodas de capoeira, com a participação de conhecidos mestres locais e de capoeiras em visita à capital federal.

Entre as décadas de 1960 e 1990, Mestre Sabú foi um entusiasta representante de uma peculiar Capoeira Angola na cidade de Goiânia, e por que não dizer, no estado de Goiás. Seus trabalhos se contrapunham, estética e simbolicamente, àqueles desempenhados por Mestre Osvaldo<sup>12</sup>, um dos representantes pioneiros da Capoeira Regional em Goiânia e responsável pela vinda de Mestre

<sup>12</sup> Brito (2009) assevera que Mestre Osvaldo nasceu na cidade de Jequié na Bahia, no dia 17 de Janeiro de 1937. Seu nome completo é Osvaldo Rocha de Souza, filho de Rodrigo Antônio de Souza e Aurelina Rocha de Souza. Seu nome de guerra na Capoeira, dado por Mestre Bimba, foi Dinamite, mas ficou conhecido por Mestre Osvaldo de Souza” (TUCUNDUVA, 2015, p. 112).

Bimba<sup>13</sup> para a capital goianiense, um ano antes de sua morte.

## Uma outra Capoeira Angola em Goiânia

Os anos 1980, período de abertura política e de redemocratização no Brasil, também significaram para Goiás um momento favorável para as organizações negras e para os grupos culturais do estado.

Em janeiro de 1986, seis jovens iniciados na capoeira da escola de capoeira do Mestre Zumbi (Mário Roberto dos Santos) partem de Goiânia em direção a Salvador para beber na fonte da chamada “Meca da Capoeira” e por lá ficam por alguns dias. São eles e elas: Caçador - Vanderlei Francisco de Oliveira; Vermelho - Vanderli Francisco de Oliveira; Besouro - Raimundo Nonato de Sousa Júnior; Guaraná - Carlos Alberto Martins Alves; Valéria de Almeida Costa e Ana Maria da Silva.

A referida viagem à Salvador foi motivada pelo fato de o capoeirista Vermelho, juntamente com seu Mestre Zumbi, terem anteriormente participado de um festival de capoeira na cidade de Brasília e nessa ocasião tiveram contato e ficaram encantados com a Capoeira Angola à época representada pelos mestres Moraes, Curió, Boca Rica<sup>14</sup>, João

---

<sup>13</sup> Manoel do Reis Machado, Mestre Bimba, nasceu em Salvador – BA em 23/11/1899 e veio a falecer em 05/02/1974 na cidade de Goiânia – GO. Criador e principal representante da Luta Regional Baiana, depois chamada de Capoeira Regional, uma vertente amplamente conhecida de capoeira que foi criada na década de 1930 e que agregou à capoeira até então praticadas golpes e fundamentos de outras lutas marciais.

<sup>14</sup> Manoel Silva, Mestre Boca Rica, nasceu em Maragogipe, no Recôncavo Baiano, em 26/11/1936. Foi discípulo de Mestre Pastinha e em 1970 fundou a Escola de Capoeira Angola da Bahia que segue em atividade até os dias atuais.

Pequeno e Cobra Mansa<sup>15</sup>, importantes nomes do processo de revitalização e disseminação Capoeira Angola de Mestre Pastinha. Segundo relatos do próprio Mestre Vermelho, esse primeiro encontro com essa Capoeira Angola foi de grande encantamento. Entusiasmado, Vermelho retorna para Goiânia, compartilha a experiência com os/as demais camaradas e o grupo se organiza para cultivar os preceitos, os rituais e os fundamentos da Capoeira Angola.

Cabe destacar aqui algumas questões cruciais para compreendermos o movimento dos angoleiros e das angoleiras em Goiânia: Quais motivos levaram esses jovens capoeiristas de Goiânia a buscarem conhecimentos acerca da Capoeira Angola baiana? Considerando que a Capoeira Angola que ressurgia à época, ainda era praticada por poucos, em um período que a quantidade de grupos e praticantes da Capoeira Regional (e de suas derivações) crescia vertiginosamente por todo Brasil e exterior? Por que abriram mão do promissor mercado das aulas e dos batizados e uma possível carreira na Capoeira Regional? Por que o encanto e a identificação com uma vertente de capoeira considerada pela maioria dos capoeiras da época coisa de velho e ultrapassada? Essas questões nos parecem importantes para o entendimento acerca da construção das identidades, das trajetórias e dos valores da Capoeira Angola em Goiânia.

---

<sup>15</sup> Cinézio Feliciano Peçanha, conhecido como Mestre Cobra-Mansa ou Cobrinha, nasceu em 19/05/1960, em Duque de Caxias-RJ e iniciou a prática da capoeira ainda adolescente. Na década de 1970 começou a treinar com Mestre Moraes e no início dos anos 1980 participou da fundação do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP) em Salvador. Em 1995 participa da criação da Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA) em Washington D.C. (EUA). Em 2004 cria o Kilombo Tenondé, organização de Capoeira Angola e permacultura com sedes em Salvador e em Valença, região sul da Bahia.

Para entender os motivos que levaram os/as jovens capoeiristas a percorrerem estradas entre Goiás e Bahia é necessário nos reportarmos a alguns elementos de suas histórias de vida. Caçador foi o primeiro a chegar na escola do Mestre Zumbi e em seguida levou seu irmão Vermelho para a prática da capoeira. Ambos nasceram no interior de Goiás, na zona rural do município de Goiás (antiga capital) e, na adolescência, migraram com seus familiares para Goiânia. Besouro migrou do Piauí para São Paulo e em seguida para Goiânia com seus familiares. Guaraná é do Tocantins e ainda criança mudou com os pais para Goiânia. Valéria é goiana e Ana Maria é do Tocantins, criada em Goiânia.

O já citado evento, onde Vermelho se encantou pela Capoeira Angola, foi o Festival de Cultura Praia Verde, organizado por entidades do movimento negro com apoio do governo, e que contou com participação de muitos capoeiristas de outros estados, além dos já mencionados.

Ao ver os mestres jogando, Vermelho observou que o jogo era diferente da Capoeira Angola que conhecia da cidade de Goiânia, isto é, da capoeira do Mestre Sabú, o que aguçou sua curiosidade e seu interesse, juntamente com seus e suas camaradas, de conhecê-la com mais intimidade. Assim, o grupo de goianos chega a Salvador e ao Forte Santo Antônio, fortemente interessado pelos movimentos da cultura negra soteropolitana.

O grupo dos jovens capoeiras proveniente de Goiânia conheceram e participaram de inúmeras experiências,



dentre elas, a coordenada pelo mestre João Pequeno, responsável pelo Centro Esportivo de Capoeira Angola; a coordenada pelo Mestre Moraes, mas com significativa participação de Mestre João Grande e Mestre Cobra Mansa, no Grupo de Capoeira Angola Pelourinho ( GCAP ); a coordenada pelo Mestre Curió na Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos (ECAIG) e, por fim, a coordenada pelo grupo Filhos de Angola, composto por Roberval<sup>16</sup>, Laércio<sup>17</sup>, Rosalvo<sup>18</sup> e Caboré<sup>19</sup>, que na atualidade são todos mestres.

Todas essas escolas abriram as portas para os/as capoeiras goianienses adentrarem e estreitaram suas relações com a Capoeira Angola. A presença do bloco afro Ilê Ayê, com seus ensaios pré-carnaval, movimentava muito o Forte e nesse contexto de muita vivacidade cultural é importante destacar duas pessoas que também ocupavam o Forte e que também acolheram o grupo. Trata-se de Jorge Watusi e Cremilda Cafuné, artistas que ocupavam as salas do piso superior do forte, onde desenvolviam projetos com dança e percussão, fortemente engajados com a estética afro.

O grupo estava no pátio do Forte na companhia do Mestre Boca Rica, que os recebeu ao chegarem em Salvador

<sup>16</sup> Roberval do Espírito Santo, Mestre Roberval, nasceu em 20/11/1964 em Salvador. É um dos mestres fundadores e responsáveis pelo grupo Filhos de Angola.

<sup>17</sup>Laércio dos Anjos Borges, Mestre Laércio, nasceu em Salvador em 1966. Começou a praticar capoeira em 1978 na academia do Mestre Caiçara. Foi um dos fundadores do grupo Filhos de Angola. Atualmente vive em Berlim (Alemanha), onde ministra suas aulas e coordena núcleos do Grupo Filhos de Angola na Europa.

<sup>18</sup> Rosalvo Ferreira dos Santos, Mestre Rosalvo, nasceu em Salvador em 1970. Foi um dos fundadores do grupo Filhos de Angola. Atualmente vive em Berlim (Alemanha), onde, em meados da década de 1990 abre a academia Jangada e em 1999 funda o Grupo Vadição.

<sup>19</sup> Fábio de Oliveira Pontes, Mestre Caboré, nasceu em 14/05/1965 em Salvador. De acordo com Magalhães Filho (2019, p.220), Mestre Caboré começou a praticar capoeira informalmente em 1976. No ano seguinte conhece o Mestre Adilson Senzala, discípulo do Mestre Bobó, e começa a treinar com os dois no Dique Pequeno. Em 2000 criou o Grupo de Capoeira Angola Mestre Caboré.

e o apresentou Jorge Watusi. Quando perguntaram se havia um lugar para se hospedarem por perto, Jorge convidou o grupo para se hospedar na sala ocupada por ele. Para o grupo, sobretudo na perspectiva de um de nós, que vivenciou esse momento, o encontro com Jorge e Cafuné, além das outras vivências no Forte, foram fundamentais para construir um novo ponto de vista para a prática da capoeira, inserida em um contexto de cultura negra mais abrangente. Por três anos consecutivos o grupo esteve junto nas viagens a Salvador.

De volta a Goiânia, logo depois da primeira viagem, o grupo rompe definitivamente seu compromisso com a capoeira que praticavam e passam a praticar a Capoeira Angola soteropolitana, tendo como referência o Mestre Boca Rica. Adotam o uniforme preto e amarelo, introduzido por Mestre Pastinha, em homenagem a seu time de futebol do coração, o Esporte Clube Ypiranga, e fundam, em 1988, a Associação de Capoeira Angola no Estado de Goiás, o grupo Só Angola. Organizado juridicamente e com diretrizes bem definidas, o Só Angola inaugura um novo momento da Capoeira Angola na cidade. Por serem na época muito jovens, com pouca bagagem e tempo de capoeira, recebem críticas pela “ousadia”. No entanto, a partir da criação do Só Angola, a Capoeira Angola de Goiânia ganha visibilidade, sobretudo considerando sua capacidade organizacional.

Atualmente, o grupo Só Angola está organizado como Associação sem fins lucrativos que tem como presidente Mestre Vermelho. Chegou a ter como sede um imóvel no

setor Jardim Novo Mundo, depois em outro local da região leste da capital Goiânia, numa região conhecida como “buracão”, no Jardim das Aroeiras, permanecendo neste local por mais de 22 anos. No primeiro semestre de 2013 todos os moradores e moradoras daquela região receberam uma ordem de despejo e foram direcionados/as para uma outra região da cidade. Mestre Vermelho, juntamente com todos e todas integrantes do grupo, permaneceu no espaço travando uma luta judicial pela permanência no local, uma vez que a associação sempre trabalhou de forma gratuita com crianças, adolescentes, jovens e adultos da comunidade local, proporcionando um desenvolvimento cultural assim como uma integração social através das manifestações culturais propostas.

Em 2015 a justiça concedeu um novo espaço para a sede da Associação, localizada na mesma região, no bairro Recanto das Minas Gerais. É importante ressaltar que a construção do novo espaço não foi financiada pelo governo, sendo construída a partir do zero com recursos próprios do Mestre Vermelho e ajuda financeira de integrantes do grupo. No ano de 2011 a Associação recebeu recursos de um convênio firmado entre o Ministério da Cultura do Governo Federal e a Prefeitura de Goiânia. A partir daí foi reconhecida também, como “Ponto de Cultura Buracão da Arte”, onde oferece aulas de Capoeira Angola, percussão, dança, teatro, samba de roda, samba chula e viola.

A Associação de Capoeira Angola do Estado de Goiás, sob os cuidados de Mestre Vermelho, Mestre Caçador, Ana

Maria e Valéria vem, há trinta e dois anos, trabalhando com aulas, oficinas e apresentações culturais dentro e fora do Estado. Atualmente a Associação não tem nenhum incentivo do governo. As atuais atividades são: Capoeira Angola, dança (Hip-Hop, Danças Urbanas, Samba de Roda e Samba Chula) e viola. O grupo mantém até os dias de hoje forte vínculo com Mestre Boca Rica, que frequentemente visita Goiânia para eventos e oficinas.

No entanto, é importante citar, que a despeito da identificação com a capoeira soteropolitana, o Só Angola não se tornou uma franquia ou filial do trabalho do Mestre Boca Rica e sempre atuou com autonomia para decidir suas diretrizes. Neste processo Mestre Boca Rica tornou-se o patrono do grupo Só Angola. Além do trabalho do Só Angola com a Capoeira Angola, o grupo também é uma importante referência na cidade na fabricação de instrumentos musicais e desde 2011 mantém, de forma sistemática, pesquisa sobre o Samba Chula do Recôncavo Baiano que incidiu na criação do Grupo Angoleiros do Samba Chula.

Ainda sobre o grupo Só Angola é importante destacar que Valéria de Almeida Costa e Ana Maria da Silva, que estão presentes desde a criação do grupo, foram reconhecidas como mestras no ano de 2021, por Mestre Boca Rica. Esse fato se deu depois que esse artigo estava praticamente finalizado, no entanto a tempo de fazer esse importante registro. Essa informação não é corrigida ao longo do texto, para não se incorrer no risco de com essa atualização, mascarar as marcas do preconceito de gênero,

que podem até não parecer na maneira com que a história é contada mas que na vida e na cultura não se apaga facilmente.

No início dos anos 1990, Guaraná e Besouro iniciam outras experiências com Capoeira Angola, não mais no grupo Só Angola, ministrando oficinas e aulas em escolas e espaços culturais. Foi um momento mais independente de ambos, sem nenhum compromisso com algum grupo específico. Porém, alguns poucos anos depois, por motivos pessoais, Besouro se afasta da capoeira enquanto Guaraná prossegue atuante, participando de rodas e eventos e em 1995 viaja novamente para Salvador, aproximando-se de Mestre Curió.

Em fevereiro de 1998, Guaraná, também autor deste artigo, funda com algumas pessoas que o acompanhavam e o consideravam como mestre, o Grupo Calunga de Capoeira Angola, promovendo oficinas, mostras temáticas, rodas de Capoeira Angola abertas ao público, tradicionalmente às sextas-feiras e ocupando o espaço da liga de moradores do Setor Universitário, área central da cidade de Goiânia.

O Grupo Calunga é criado com o propósito de mobilizar pessoas para a prática de Capoeira Angola, estabelecer diálogos e acordos com instituições educativas e do movimento social negro e, também, se organizar no sentido de buscar recursos por intermédio de leis de incentivo à cultura para financiamento de eventos e ações contínuas, que possibilitam ao grupo a realização de eventos com a participação de mestres e mestras de várias regiões do

Brasil e, por vezes, acesso gratuito da comunidade à programação dos eventos.

A passagem de Mestre Guaraná pelo grupo Só Angola cria, sem dúvida, uma identidade da Capoeira Angola, praticada em Goiânia, todavia, Mestre Guaraná, na criação do Calunga também atua com autonomia criativa.

A experiência dos jovens viajantes em busca da Capoeira Angola, além de resultar na criação dos grupos Só Angola e Calunga, geraram outros frutos, que se expandem para além dos limites da capital goiana, adentrando, por exemplo, a Cidade de Goiás, com os hoje mestres Chuluca<sup>20</sup> e Leninho<sup>21</sup>, que também migraram para a Capoeira Angola a partir do contato com o Só Angola.

De maneira independente dessa trajetória iniciada pelos jovens viajantes, é importante citar o trabalho do Mestre Goyano que, também em meados dos anos 1980 migrou para São Paulo, onde, a partir também do Grupo Cordão de Ouro, teve intensa vivência com capoeira, vindo mais tarde aderir à Capoeira Angola, por volta de 1995.

A trajetória de Mestre Goyano, e a própria relação da capoeira de Goiânia com a capoeira de São Paulo, não será abordada com maior atenção neste artigo por uma questão metodológica, mas esta é uma outra via importante para a compreensão do contexto atual da capoeira na cidade.

---

<sup>20</sup> Estevão Gomes de Sá - Mestre Chuluca foi integrante do grupo de capoeira Só Angola, em 1995 fundou o grupo Meninos de Angola, Cidade de Goiás (GO), que tem como referências Mestre Cobra Mansa e Mestre Moraes.

<sup>21</sup> Helenio David da Silva Sá - Mestre Leninho, nasceu em 07 de abril de 1970, na Cidade de Goiás (GO), foi integrante do grupo de capoeira Só Angola, co-fundador do Grupo de Capoeira Meninos de Angola. Em 2000 criou o grupo Angolerê. Aproximou-se do trabalho de Mestre Cobra Mansa - Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA) em 2003 o grupo Angolerê, torna-se o núcleo FICA-GO. Atualmente Mestre Leninho coordena os trabalhos da FICA-DF e GO

A Capoeira Angola em Goiânia, além desses nomes e trabalhos já citados, contempla uma expressiva participação feminina, como o projeto Águas de Menino, coordenado por uma de nós, Renata Kabilaewatala, e vinculado ao Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô<sup>22</sup>. E, também, o Movimento Angoleiras de Goiânia – MAG, que é um movimento que visa fomentar o protagonismo de mulheres na Capoeira Angola e, por fim, o Coletivo Pretas Angoleiras (GO), que tem o intuito de fortalecer coletivamente as mulheres negras na capoeira.

## Considerações Finais

A jovem capital do estado de Goiás, situada no Centro-Oeste brasileiro, ficou mais conhecida pelos capoeiristas por ter recebido Mestre Bimba, o criador da Capoeira Regional com sua comitiva, no início da década de 1970.

Apesar do pouco tempo que viveu na cidade de Goiânia, onde veio a falecer em 1974, Mestre Bimba deixou frutos, que se multiplicaram expressivamente. Mesmo sem ter tido um representante baiano, da envergadura de Mestre Bimba, a cidade também é palco de uma peculiar narrativa sobre a Capoeira Angola, como buscamos demonstrar neste artigo. Já na década de 1960, Manoel Pio Sales, o Mestre Sabú (1940 – 2017), goiano que se criou em

---

<sup>22</sup> O Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô (CCAASS) foi fundado em 1993 por Plínio Cesar Ferreira, o Mestre Plínio, na cidade de São Paulo. Atualmente conta também com a liderança de Mestre Pedro Peu e têm núcleos em outros estados brasileiros, na Argentina e em países da Europa.

Salvador e que, segundo seus próprios relatos, teve experiências formativas com os mestres Pastinha, Noronha e, sobretudo Caiçara, inicia um trabalho com capoeira em Goiânia, criando o grupo Terreiro de Capoeira Angola. Embora vinculado à linhagem Caiçara – Aberrê, teve bastante autonomia para criar seu próprio estilo de capoeira, sobretudo, considerando o seu pioneirismo na cidade. De todo modo, sua expressiva e vigorosa presença, sem dúvida, é um bom exemplo da pluralidade da Capoeira Angola, que, ao que nos parece, não pode apenas ser compreendida em sua totalidade, numa relação de alteridade com a Capoeira Regional.

A partir dos anos 1990, capoeiristas migrados da Capoeira Regional, ou de variações desta, aderem a Capoeira Angola e iniciam na cidade trabalhos bastante distintos da proposta de Mestre Sabú, dada a aproximação destes com o movimento da Capoeira Angola soteropolitana a partir da década de 1980, quando a Capoeira Angola, depois de grande período de agonia, passa por um processo de reafirmação e reorganização política e estética, intensificando o discurso da peculiaridade desta vertente. Com isso, podemos perceber que apesar da ideia de linhagem tradicional, que ancora as construções de identidade e pertencimento na Capoeira Angola, do ponto de vista histórico, não é possível ignorar que na década de 1990 grupos que hoje figuram uma maioria de 20 à 30 anos de existência, se constituíram a partir de adesões de



capoeiristas de outras vertentes à Capoeira Angola, muitas das vezes guiados por um sentimento de encantamento.

Aqui, o encantamento seria uma mistura de admiração, identificação e de algo mais subjetivo que age diretamente na dimensão dos afetos, aspectos esses que, em geral, incidem em posturas ativas e militantes pela Capoeira Angola, como foi o caso dos mentores dos grupos Só Angola e Calunga, aos quais nesse artigo demos maior enfoque. A despeito desse encantamento, nem Mestre Vermelho e nem Mestre Guaraná negam ou deixam de reconhecer a importância de Mestre Zumbi em suas formações, que vale mencionar, aprendeu com Mestre Deputado, formado por Mestre Bimba, em Goiânia. Com isso, podemos reconhecer, que direta ou indiretamente, a Capoeira Angola de Goiânia, a de Sabú e a de identidade pastiniana, também são devedoras, se não da Capoeira Regional, de capoeiras que se mantiveram em lugares de trânsito mais livre entre as duas vertentes. Podemos afirmar que essa trajetória híbrida e legítima já faz parte da história da vida cultural de Goiânia.

Nesse sentido, é interessante observar que a despeito de jovens viajantes terem buscado como referência a Capoeira Angola soteropolitana, os grupos criados em Goiânia a partir daí, embora tenham tido mestres de Salvador como referências e apoio, não se constituíram como filiais, assumindo uma certa autonomia e mantendo relação com os mestres da Bahia, mas com alguma independência de seus interesses comerciais e de expansão de seus grupos.

Alguns fundamentos, técnicas e códigos dos grupos Só Angola e Calunga têm como referência dimensões da Capoeira Angola soteropolitana, entretanto, outros foram adaptados, devido a algumas particularidades, como, por exemplo, a utilização do berimbau goiano, confeccionado na madeira guatambu, por ser flexível, leve, de boa sonoridade e pela dificuldade de acesso à biriba, geralmente utilizada nos berimbaus da Bahia.

Certo dia, ao ver o jogo da nova geração de angoleiros e angoleiras, ainda no início de seus trabalhos, em uma roda de capoeira em que estava o grupo Só Angola, o Mestre Sabú disse aos então jovens capoeiristas, *“Vocês estão fazendo uma coisa com a capoeira que eu não fiz aqui em Goiás, vocês estão de parabéns”*. A relação da nova geração de angoleiros e angoleiras com o Mestre Sabú sempre foi de respeito ao velho mestre, representante da “capoeira das antigas”, como se costuma dizer no contexto da Capoeira Angola.

**Figura 01** – Mestre Sabú



**Fonte:** Diário da Manhã, postagem de 09 de junho de 2018.

## Referências

- ABIB, PEDRO RODOLPHO JUNGERS. (COORD.). **MESTRES E CAPOEIRAS FAMOSOS DA BAHIA**. SALVADOR: EDUFBA, 2009.
- ARAÚJO, ROSÂNGELA COSTA. **IÊ VIVA MEU MESTRE – A CAPOEIRA ANGOLA DA “ESCOLA PASTINIANA” COMO PRÁXIS EDUCATIVA**. TESE DE DOUTORADO. FE/USP: 2004.
- BRITO ELTO PEREIRA. **A HISTÓRIA DA CAPOEIRA EM GOIÁS CONTADA POR SEUS PIONEIROS: MESTRE OSVALDO E MESTRE SABÚ**. GOIÂNIA: GRASFSET, 2010.
- COUTINHO, DANIEL, **O ABC DA CAPOEIRA ANGOLA: OS MANUSCRITOS DE NORONHA**. BRASÍLIA, CIDOCA, 1993.
- DECANIO FILHO, ÂNGELO **A. HERANÇA DE PASTINHA**. SALVADOR: SÃO SALOMÃO, 1997.
- FRIGERIO, ALEJANDRO. “CAPOEIRA: DE ARTE NEGRA A ESPORTE BRANCO”. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**. SÃO PAULO: ANPOCS, v. 4, n. 10, p. 1-20, JUN. 1989.
- MAGALHÃES FILHO, PAULO ANDRADE. **TUDO QUE A BOCA COME: A CAPOEIRA E SUAS GINGAS NA MODERNIDADE**. 2019. 220 F. TESE (DOUTORADO EM CULTURA E SOCIEDADE) – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS, SALVADOR, 2019.

MAGALHÃES FILHO, PAULO ANDRADE. **JOGO DE DISCURSOS: A DISPUTA POR HEGEMONIA NA TRADIÇÃO DA CAPOEIRA ANGOLA BAIANA.** 2011. 196 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS) – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, SALVADOR, 2011.

MURICY, ANTÔNIO CARLOS. **VIVA PASTINHA.** MINISTÉRIO DA CULTURA DO GOVERNO BRASILEIRO, 52 MIN., 1999.

OLIVEIRA, LORENA FONTE. **NO PINICADO DA VIOLA: A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGEM A PARTIR DO SAMBA CHULA.** RELATÓRIO DE QUALIFICAÇÃO, UFG, 2021, NO PRELO.

PIRES, ANTONIO LIBERAC CARDOSO SIMÕES. BIMBA, PASTINHA E BESOURO DE MANGANGÁ: TRÊS PERSONAGENS DA CAPOEIRA BAIANA. TOCANTINS: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE TOCANTINS, 2002.

PIRES, ANTONIO LIBERAC CARDOSO SIMÕES. **MOVIMENTOS DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA 1890-1950.** 2001. 435 F. TESE (DOUTORADO EM HISTÓRIA) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, CAMPINAS, 2001.

REIS, LETÍCIA VIDOR DE SOUSA. **O MUNDO DE PERNAS PARA O AR: A CAPOEIRA NO BRASIL.** SÃO PAULO: PUBLISHER BRASIL, 2000.

SILVA, ALESSANDRA BARREIRO DA. **EU SOU ANGOLEIRO, ANGOLEIRO EU SEI QUE EU SOU: IDENTIFICAÇÕES E TRAJETÓRIAS NA CAPOEIRA ANGOLA EM GOIÂNIA.** DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL). UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2014.

## **A Capoeira Angola em Goiânia: identidades, trajetórias e diversidades**

Renata de Lima Silva • Lorena Fonte de Oliveira • et al...

SILVA, RENATA DE LIMA; FALCÃO, JOSÉ LUIZ CIRQUEIRA; DIAS, CLEBER.  
DISCURSOS SOBRE A TRADICIONALIDADE DA CAPOEIRA ANGOLA: A INFLUÊNCIA E  
O PAPEL DOS CAPOEIRISTAS. **REVISTA CULTURES-KAIRÓS**, DEZEMBRO, 2012.

SOARES, CARLOS EUGÊNIO LÍBANO, **A CAPOEIRA ESCRAVA E OUTRAS  
TRADIÇÕES REBELDES NO RIO DE JANEIRO (1808 – 1850)**. CAMPINAS:  
EDITORA UNICAMP, 2002.

TUCUNDUVA, TATIANA. MESTRE SABÚ E A CAPOEIRA ANGOLA EM GOIÁS:  
HISTÓRIA, SONHOS E DILEMAS DE UM EDUCADOR POPULAR. **REVISTA  
EFDESPORTES.COM. REVISTA DIGITAL**. BUENOS AIRES, ANO 16, N. 165,  
FEVEREIRO, 2012.

TUCUNDUVA, TATIANA. **MESTRE SABÚ: MEMÓRIA SOCIAL E PRÁTICAS  
CULTURAIS DA CAPOEIRA EM GOIÁS**. 2015. 156 F. DISSERTAÇÃO  
(MESTRADO EM SOCIOLOGIA) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA,  
2015.

VIEIRA, LUIZ RENATO. **O JOGO DA CAPOEIRA: CULTURA POPULAR NO  
BRASIL**. RIO DE JANEIRO: EDITORA SPRINT, 1995.